

Bloco de Sarney chegará aos 320

Previsão é de Carlos Sant'Anna, que formaliza grupo após feriados

O líder do governo na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna (PMDB-BA) informou que o bloco da maioria que dará sustentação ao governo do presidente José Sarney deverá contar com a participação de 320 parlamentares. Num primeiro momento, o bloco dará respaldo às medidas econômico-financeiras do governo, que segundo ele, deverão ser anunciadas logo após a Semana Santa, quando também, o bloco será formalizado.

Na sua opinião, o governo precisa ter uma maioria formal para apoiar seus programas, "o que é a essência do processo democrático". Lembrou que, em todo os países do mundo, existe um bloco da maioria, formado pelo agrupamento de vários partidos e, somente no Brasil, existe uma situação atípica onde só um partido (PMDB) é maioria. A intenção, segundo Sant'Anna, não é desfazer partidos para a criação desse bloco e tampouco o presidente Sarney pretende criar um partido no Congresso, "porque isso não nos interessa".

O trabalho desse bloco, segundo o líder do governo, será especialmente importante após a Constituinte, e portanto, não será formado para existir apenas no atual momento, mas principalmente, "para dar sustentação ao governo, depois da Constituinte, nos dois anos finais de mandato do presidente Sarney", disse Sant'Anna. Segundo ele, característica fundamental será a de um bloco de coalizão de partidos, que permanecerão com suas identidades próprias e suas lideranças serão as mesmas dos partidos. Negou que será a liderança geral do grupo e afirmou, categoricamente, que o bloco "não tem nada a ver com o Centrão".

Carlos Sant'Anna não quis adiantar quais serão as medidas do governo a serem adotadas limitando-se a informar que dizem respeito à área econômico-financeira, à dívida externa e conversão dessa dívida. Afirmou que em breve elas serão anunciadas, possivelmente, logo após a Páscoa. Também, após a Semana Santa, o bloco irá formalizar sua existência, seja através de manifesto ou abaixo-assinado, enviado aos presidentes do Senado e da Câmara, Humberto Lucena e Ulysses Guimarães.

PFL só adere com demissões

A criação do bloco parlamentar de sustentação ao governo enfrentou ontem sua primeira dificuldade: a adesão da bancada do PFL que votou pelo presidencialismo e o mandato de cinco anos está condicionada à saída dos ministros do PMDB. De manhã Thales Ramalho, assessor especial do presidente Sarney, foi informado dessa decisão pelo líder do partido, deputado José Lourenço, que em conversa pelo telefone advertiu o coordenador do bloco governista.

O PFL não entra nesse bloco enquanto o governo não tiver unidade. A unidade parlamentar depende da unidade do governo — disse irritado o líder, reforçando a necessidade de os ministros Luiz Henrique, da Ciência e Tecnologia, e Renato Archer, da Previdência, deixarem a equipe do presidente Sarney.

José Lourenço disse ainda que nenhum deputado de sua bancada assinará qualquer documento de criação do novo bloco se o Presidente continuar irredutível na decisão de não demitir os ministros do PMDB. Segundo o líder, o bloco não terá a mínima condição de sobrevivência se não atender a essa condição.

Embora tenha votado a favor do presidencialismo e do mandato presidencial de cinco anos, o presidente do Senado, Humberto Lucena, anunciou que não fará parte do bloco governista e nem de outro que venha a ser criado.

Presidente quer poupar partidos

"Pretendo, sem prejuízo dos partidos políticos que constituem a alma do sistema democrático, respeitando-os, fortalecendo-os, consolidar uma maioria parlamentar para apoiar a conclusão do processo de abertura política". O anúncio formal foi feito hoje pelo presidente José Sarney no seu programa semanal "Conversa ao Pé do Rádio", sem que ele revelasse como pretende fazer para formar o bloco de sustentação no Congresso Nacional e na Constituinte.

Mas o Presidente tem esperanças que as próximas medidas econômicas tenham respaldo no Congresso Nacional.

Estudantes fazem a festa no Planalto

Melhorar os salários das serventes e consertar a Escola Classe nº 1 do Núcleo Bandeirante são as duas reivindicações que Rosane Mercês de Souza, 12 anos, estudante da 5ª série, disse ter feito ao presidente José Sarney, na tarde de ontem, quando foi abraçada efusivamente, no estacionamento do Palácio do Planalto.

Rosane Mercês era uma dos 250 estudantes da rede oficial de ensino do Distrito Federal que foram ao Palácio do Planalto, prosseguindo o programa de visitaço iniciado na semana passada. Sarney não desceu a rampa, mas ao deixar o seu gabinete passou de carro em frente aos estudantes e populares que assistiam à cerimônia militar de troca da guarda da Presidência.

Quando viu a movimentação pelo lado oposto, Rosane Mercês saiu correndo para ver o presidente Sarney, de perto. Foi uma surpresa, contou, quando o carro parou, ele desceu e deu-lhe um abraço. Ela ficou tão emocionada que não viu mais nada. Disse que foi puxada por repórteres, fotógrafos e cinegrafistas, que queriam, a todo custo, registrar o momento. Ela lamentou que tenha sido atrapalhada.

Luciana Almeida Tavares, 10 anos, estudante da 5ª série, também foi beijada por Sarney, mas rapidamente. Ela disse que queria pedir ao Presidente "moradia para os pobres" e também para ele baixar o preço das "coisas", para o pobre não passar fome. Já o seu colega Aluizio Souza Barros Júnior, 11 anos, 5ª série, também tinha as suas reivindicações: aumentar os salários dos professores e baixar o preço de "tudo".

Sarney, segundo Rosane Mercês, estava tranquilo, sereno e não de-



Sarney parou e ouviu pedidos dos estudantes

monstrou, em qualquer momento, nervosismo. Ela observou que o Presidente poderia ter ficado mais à vontade se não fosse a pressão feita pelos estudantes, seguranças e pela imprensa.

Assistindo tudo de longe, estava João Rabelo Mendes, funcionário do Ministério da Educação, que, em uma entrevista a **CORREIO BRAZILIENSE**, já havia aconselhado o governo a fazer "uma cerimônia cívica. Parece que deu certo" disse.

Depois da cerimônia de arriamento da Bandeira Nacional, as crianças cantaram o Hino Nacional ao som da banda de música do Batalhão da Guarda Presidencial (BGP). Na próxima semana, haverá outra sole-

nidade, com a presença de mais estudantes.

O Presidente resistiu à tentação da presença dos 250 estudantes no Palácio do Planalto e não desceu a rampa. "Agüentar o apelo das crianças foi fácil. Difícil foi suportar as pressões feitas por seus assessores. Sarney, entretanto, sabia que o momento não era para comemorações, apesar de sua vitória na Assembleia Nacional Constituinte.

Como o presidente Sarney não desce a rampa desde o dia 4 de julho de 1986, o seu gesto poderia ser interpretado como uma provocação à Constituinte, já que as teses do governo foram aprovadas. "O Presidente não quer tripudiar ninguém", resumiu um assessor, ao explicar as razões que levaram Sarney a não des-

cer a rampa, apesar do apelo forte da presença dos estudantes.

EXPECTATIVA

A expectativa era grande. Foram montadas câmaras de televisão por todos os cantos do calçadão do Palácio do Planalto. Ao deixar o seu gabinete, Sarney saiu pela entrada do prédio, como ensaiou várias vezes, em outras oportunidades. Quando o comboio estava de frente à guarita, Sarney percebeu que os estudantes corriam em sua direção e mandou parar o carro. Desceu, abraçou, beijou as meninas e cumprimentou os meninos. Depois foi embora.

O chefe do cerimonial, Júlio César Gomes dos Santos, explicou que não existia nenhuma previsão para Sarney descer a rampa. Mas, momentos antes, ele foi ao gabinete perguntar qual seria a sua decisão. Ele argumentou que para a cerimônia de descida seria preciso que Sarney estivesse vestido de traje de passeio.

A cerimônia foi muito aplaudida pelos populares e pelos estudantes. O regimento da Cavalaria de Guarda (Dragões da Independência) passou a segurança do Palácio do Planalto para o Batalhão da Guarda Presidencial. A troca de guarda é feita de quatro em quatro meses. Foi mais uma oportunidade que Sarney deixou passar para descer a rampa, comentava seus assessores.

Na realidade, Sarney interrompeu um ritual que foi seguido fielmente pelos últimos presidentes da República. João Rabelo Mendes, funcionário do Ministério da Educação, nunca perdeu uma solenidade. Ele acha que Sarney devia descer a rampa, nos momentos de tristeza e de alegria. João ficou contente, com a presença dos estudantes.

Lucena quer é fortalecer os partidos

O presidente do Senado, Humberto Lucena (PMDB/PB), vai apresentar quando da votação em segundo turno uma emenda supressiva de artigo, objetivando retirar do texto já aprovado da futura Constituição a garantia de formação de blocos parlamentares, com direito a líderes e participação proporcional na mesa e nas comissões técnicas da Câmara e do Senado.

Para Humberto Lucena, o estímulo à criação de blocos parlamentares, como o que está sendo articulado pelo líder do governo na Câmara, Carlos Sant'Anna (PMDB/BA), tendo como base o resultado numérico que permitiu a aprovação do presidencialismo e dos cinco anos de mandato, concorre apenas para o enfraquecimento dos partidos políticos.

Outro perigo para a formação dos blocos parlamentares, segundo Humberto Lucena, é que da mesma forma como poderá surgir um bloco para apoiar o presidente José Sarney, poderá aparecer outro de oposição ao governo.

O senador Humberto Lucena lamentou a saída do PMDB de importantes políticos, da envergadura do deputado mineiro Pimenta da Veiga devido a divergências partidárias, mas considerou que com todo o respeito devido a esses políticos, até agora nenhum parlamentar saiu de um partido por um motivo nacional ou ideológico, mas apenas "por questões parciais", de divergências internas.

"Não é por acaso que a eleição mais difícil é a municipal", observou o senador Humberto Lucena. Para o presidente do Senado e autor da emenda presidencialista vitoriosa terça-feira, "o dever de todos é consolidar os partidos, e não de criar novos partidos".